



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARIANA DE LIMA CASTRO

**PROCESSOS DE LETRAMENTO DE UMA ALUNA COM
MICROCEFALIA NO 2º ANO DA EMEIF DR. EDMILSON
BARROS DE OLIVEIRA. EM**

ACARAPE
2021

MARIANA DE LIMA CASTRO

**PROCESSOS DE LETRAMENTO DE UMA ALUNA COM
MICROCEFALIA NO 2º ANO DA EMEIF DR. EDMILSON
BARROS DE OLIVEIRA. EM**

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação no curso Letras – Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientadora: Professora Dra. Ana Paula Rabelo

ACARAPE
2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Castro, Mariana de Lima.

C355p

Processos de letramento de uma aluna com microcefalia no 2º ano da EMEIF Dr. Edmilson Barros de Oliveira / Mariana de Lima Castro. - Redenção, 2021.
47f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Ana Paula Rabelo e Silva.

1. Educação Inclusiva. 2. Letramento Escolar. 3. Microcefalia. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 370.7

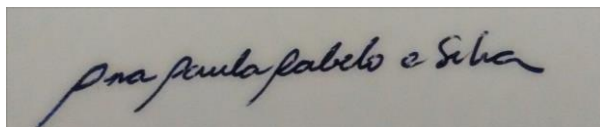
MARIANA DE LIMA CASTRO

**PROCESSOS DE LETRAMENTO DE UMA ALUNA COM
MICROCEFALIA NO 2º ANO DA EMEIF DR. EDMILSON
BARROS DE OLIVEIRA. EM**

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação no curso Letras – Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Aprovada em: 05 / 04 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ana Paula Rabelo e Silva (Orientadora)



Profa. Dra. Antonia Suele de Souza Alves Pereira



Prof. Dra. Lia Raquel Vieira de Andrade

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus em primeiro lugar, e depois à minha mãe Selma, que não mediu esforços para lutar pela minha educação, e, por fim, às minhas filhas, Maria Esther e Ana Helena. Essa vitória é nossa!

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta jornada representa um grande sonho realizado, uma meta alcançada. Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois sem Ele nada disso teria acontecido, e por Ele me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do meu percurso acadêmico.

À minha família, que sempre me apoiou nas minhas decisões, me ajudando direta ou indiretamente na minha vida pessoal e acadêmica.

À Syrlyane, pois se não fosse por ela eu não teria entrado na universidade. Foi ela quem me avisou que eu havia conquistado essa vaga, e também foi ela quem ajeitou toda a minha documentação para ir realizar a matrícula. A ela, o meu muito obrigada.

A minha mãe Selma que nunca mediu esforços para me ajudar, que sempre esteve aplaudindo todas as minhas pequenas vitórias. Foi ela que durante todo o meu percurso acadêmico sempre se prontificou a ficar com as minhas filhas para que eu pudesse ir assistir as aulas, foi quem sempre estava ali para me aconselhar, me incentivar, dizendo que eu iria conseguir, que não desistisse e que eu tivesse fé que iria dar tudo certo. Foi ela quem sempre acreditou que eu seria capaz de chegar aonde cheguei, me ajudou a superar todos os obstáculos encontrados pelo caminho. Foi ela quem me transformou em uma mulher de garra e bem determinada. Mãe, o meu muito obrigada. Eu amo muito a senhora.

Às minhas filhas Maria Esther e Ana Helena. Elas são a minha maior motivação, todo o meu esforço e dedicação são por elas e para elas. Amo vocês minhas pequenas.

Ao meu namorado, por toda a paciência durante toda a minha vida acadêmica.

Aos meus irmãos que sempre estiveram ali do meu lado me apoiando em tudo.

A minha orientadora Dr. Ana Paula Rabelo por sempre estar presente para indicar a direção correta que o meu trabalho deveria tomar. A todos os professores do meu curso de Letras- Língua Portuguesa, pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Aos pais da aluna na qual minha pesquisa é baseada, pois sem ela não existiria o meu trabalho. O meu muito obrigada a todos.

EPIGRAFE

“O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã” (Salmos 30:5)

RESUMO

A presente pesquisa trata dos processos de letramentos de uma aluna com microcefalia, no 2º ano de uma escola da rede pública municipal, localizada no município de Redenção – Ceará. É objetivo principal desta pesquisa descrever os processos de letramentos de uma aluna com microcefalia no 2º ano, da EMEIEF. Dr. Edmilson Barros de Oliveira, durante os meses de maio a dezembro de 2019, considerando a escrita (interpretação e produção) e a oralidade (leitura e a fala). Além desse objetivo, também são objetivos pesquisa: a) Descrever as etapas de letramento vivenciada pela aluna no período de 6 meses, a partir da análise de relatórios escolares; e b) Descrever as metodologias desenvolvidas para o letramento da referida aluna, com dados coletados a partir de planejamentos pedagógicos. Para tanto, esse estudo de caso, pesquisa de natureza exploratória do tipo pesquisa-ação, coletou dados durante o período em que a pesquisadora atuou como professora da referida estudante. Assim, são considerados os dados do diário de campo, incluindo os registros fotográficos, os documentos oficiais municipais e estaduais, bem como os documentos produzidos pela escola. Os resultados desta pesquisa apontam para a possibilidade de desenvolvimento da criança em ambiente escolar.

Palavras chaves: Educação Inclusiva; Letramento social; Letramento escolar; Microcefalia.

ABSTRACT

The present research deals with the literacy processes of a student with microcephaly, in the 2nd (second) grade of a municipal public school, located in the municipality of Redenção - Ceará. The main point of this work is to describe the literacy process of a student with microcephaly in the 2nd (second) grade from EMEIEF Dr Edmilson Barros de Oliveira from may to december of 2019, considering writing (interpretation and production) and orality (reading and speaking). In addition to this objective, the research objectives are: a) To describe the stages of literacy experienced by the student in the period of 6 months, based on the analysis of school reports; Qand b) describe methodologies developed for her literacy with collected data starting from pedagogical plans. Therefore, this case study, an exploratory research of the action-research type, collected data during the period in which the researcher acted as a teacher of that student. Thus, data from the field diary are considered, including photographic records, municipal and state official documents, as well as documents produced by the school. The results of this research point to the possibility of child development in a school environment.

Keywords: Inclusive education; Social literacy; School literacy; Microcephaly.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01..... P.20

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01.....	P.33
Fotografia 02.....	P.35
Fotografia 03.....	P.35
Fotografia 04.....	P.36
Fotografia 05.....	P.37
Fotografia 06.....	P.38
Fotografia 07.....	P.38
Fotografia 08.....	P.39
Fotografia 09.....	P.40
Fotografia 10.....	P.41
Fotografia 11.....	P.42
Fotografia 12.....	P.43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 LETRAMENTO, ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA	16
2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA TODOS?	18
2.2 LETRAMENTO E ALFABETICAÇÃO	21
3 RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA JOVEM PROFESSORA-ALUNA.....	24
3.1 DESCRIÇÃO DO MÉTODO.....	24
3.2 RELATOS.....	25
3.3 TRABALHOS DESENVOLVIDOS PELA ALUNA.....	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema “Os processos de múltiplos letramentos de uma aluna com microcefalia no 2º ano de uma escola da rede pública de Redenção – Ceará”. É objetivo principal desta pesquisa descrever os processos de letramentos de uma aluna com microcefalia no 2º ano, da EMEIEF. Dr. Edmilson Barros de Oliveira, durante os meses de maio a dezembro de 2019, considerando a escrita (interpretação e produção) e a oralidade (a fala monitorada; não monitorada; a prática de leitura decodificação etc.). Além desse objetivo, também são objetivos da pesquisa: a) Descrever as etapas de letramento vivenciadas pela aluna no período de 6 meses, a partir da análise de relatórios escolares; e b) Descrever as metodologias desenvolvidas para o letramento da referida aluna, com dados coletados a partir de planejamentos pedagógicos.

Escolhi este tema, pois desde o ensino fundamental tive a oportunidade de conviver dentro de sala de aula com pessoas com deficiências. Nestes momentos, pude perceber a falta de formação profissional dos professores para trabalhar com crianças que possuem necessidades especiais. No ano de 2019, me apareceu a oportunidade de trabalhar como profissional de apoio especializado de uma criança com deficiência (microcefalia), que estuda no 2º do ensino fundamental, despertando ainda mais o desejo de fazer uma pesquisa baseada nesse estudo de caso.

Percebi que esse tema é muito relevante socialmente, pois é mais um trabalho que pode demonstrar que uma criança com microcefalia é capaz de aprender a ler e a escrever. Outro aspecto relevante do tema em questão é a reflexão sobre a importância da inclusão social no ambiente escolar.

Mas qual o conceito de inclusão escolar que optei por usar nessa pesquisa? Segundo Diniz (2007), a experiência de um corpo fora da norma só é perceptível quando a interação ocorre com corpos sem deficiência, “Ao contrário do que se imagina, não há como descrever um corpo com deficiência como anormal. A normalidade é um julgamento estético”. Desta forma, a inclusão social de corpos com deficiência não pode se centrar nos sujeitos, mas nas questões sociais de adaptabilidade desses sujeitos aos espaços sociais. Os ajustes nas condições sociais e estruturais do ambiente são fundamentais para que as desigualdades que há com as pessoas deficientes de visão, audição, físicas e, mesmo, de cognição possam ser minimizadas.

Essa foi a revolução dos estudos sobre deficiência surgidos no Reino Unido e nos Estados Unidos nos anos 1970. De um campo estritamente biomédico confinado aos saberes médicos, psicológicos e de reabilitação, a deficiência passou a ser também um campo das humanidades. Nessa guinada acadêmica, deficiência não é mais uma simples expressão de uma lesão que impõe restrições à participação social de uma pessoa. **Deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente.** Assim como outras formas de opressão pelo corpo, como o sexismo ou o racismo, os estudos sobre deficiência descortinaram uma das ideologias mais opressoras de nossa vida social: a que humilha e segrega o corpo deficiente (DINIZ, 2007, p. 9 – 10) (grifo meu)

O Brasil é um país em que é possível identificar diversas raças, culturas, deficiências etc, mas que também, culturalmente, há exclusão daqueles que fogem dos padrões da sociedade. Mesmo com a criação de leis como a Lei 13.146/2015 (Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência), que institui a inclusão da pessoa com deficiência, a prática da inclusão ainda está distante da universalização.

Percebemos que existem pesquisas que tratam de várias deficiências e sobre a temática “Inclusão Social e Educação Inclusiva”, como a dissertação de Rosiney Vaz de Melo Almeida, com a temática “Escolarização de alunos com deficiência intelectual. A construção de conhecimento e o letramento”. Mas, o diferencial deste trabalho, é que ele é um estudo de caso, em que pude observar uma aluna - entre outros/as estudantes que vivenciam a inclusão escolar - com microcefalia e deficiência intelectual grave, que estuda na escola EMEIEF Dr. Edmilson Barros de Oliveira, no município de Redenção-CE. A aluna cursa o 2º ano do ensino fundamental, no turno da manhã.

A pesquisa dialoga com os princípios norteadores de inclusão propostos na Declaração de Salamanca (BRASIL/MEC/SALAMANCA, 1994), que orientam para que a inclusão não apenas ocorra de uma forma ampla, mas para que o acesso ao saber implique numa mudança de metodologia. Ou seja, a adaptação não parte dos alunos/as para o conteúdo, mas do conteúdo para os/as alunos/as.

O princípio que orienta esta Estrutura [de Ação em Educação Especial] é o de que escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas [sic] ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e super-dotadas [sic], crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade,

crianças pertencentes a minorias lingüísticas [sic], étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados. Tais condições geram uma variedade de diferentes desafios aos sistemas escolares. No contexto desta Estrutura, o termo "necessidades educacionais especiais" refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem. Muitas crianças experimentam dificuldades de aprendizagem e, portanto, possuem necessidades educacionais especiais em algum ponto durante a sua escolarização. Escolas devem buscar formas de educar tais crianças bem-sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. Existe um consenso emergente de que crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devam ser incluídas em arranjos educacionais feitos para a maioria das crianças. Isto levou ao conceito de escola inclusiva. (BRASIL/MEC/SALAMANCA, 1994, p. 3).

Outros documentos relevantes para a garantia do acesso e permanência de crianças e jovens com deficiência na nas escolas são: a Constituição Brasileira, no artigo 208 e no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, artigo 54, que vem reforçar que é dever do Estado certificar "atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino".

O projeto municipal (EDITAL N° 01/19), (Secretaria Municipal de Educação, de Redenção-Ce) de apoio especializado, do qual participei, tem como "finalidade acompanhar estudantes da Rede Municipal de Ensino de Redenção que necessitam de apoio específico em horário escolar, em decorrência de deficiência física ou intelectual que afete a aprendizagem (EDITAL N° 01/19, p. 01)". O trabalho com cada criança deficiente é individualizado, onde poderia ocorrer a adaptação e modificação de currículo desses alunos, mas nesta escola na qual estagiei, a mudança não ocorreu, pois não deu tempo se reunir conosco e com a instituição para que houvesse esta mudança ou adaptação no currículo escolar.

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994, p.09),

Para que o progresso da criança seja acompanhado, formas de avaliação deveriam ser revistas. Avaliação formativa deveria ser incorporada no processo educacional regular no sentido de manter alunos e professores informados do controle da aprendizagem adquirida, bem como no sentido de identificar dificuldades e auxiliar os alunos a superá-las.

Essas formas de avaliações acontecem, segundo a diretora da escola pesquisada, onde eles, como núcleo gestor, recebem formações, orientações de como se trabalhar com

essas crianças, quais atividades passar, a melhor forma de orientar os alunos da escola, que lá existem pessoas deficientes. Mas essas formações deveriam ser continuadas, nelas seriam relatadas as dificuldades enfrentadas pelo educador e apresentar das novas formas de levar conteúdos a essas crianças, entre outros.

Essas formas de avaliação, muitas das vezes, não acontecem, pois, os professores sentem certa dificuldade, se sentem, também, despreparados e desamparados, para que possam ter um avanço positivo com essas crianças.

Quando comecei com esta aluna ela não conseguia segurar o lápis direito, tudo que a mesma pegava era para jogar no chão. Com o passar dos dias, fui ganhando a confiança da mesma, comecei a realizar algumas atividades com ela. Sempre cobrei a professora seus exercícios, e ela, também, sempre foi me ensinando formas de trabalhar com esta discente. A educanda não tem coordenação motora, mas, já consegue segurar no lápis e cobrir um pontilhado com mais perfeição, ler palavras sem precisar do ilustrativo.

Os dados coletados foram por meio de participação ativa dentro da escola. Essa participação pode proporcionar reflexões sobre o ensino dessas crianças, de como o conhecimento é transmitido a elas. Almeida, 2016, vem dizer que “uma ampliação na formação dos professores que possibilite a construção de uma nova consciência sobre as possibilidades de aprendizagem do aluno com deficiência [...] e a construção e de um processo avaliativo processual e contínuo capaz de fomentar as decisões acerca de processos educativos a partir do contexto da sala de aula comum, em um diálogo entre educação especial e educação comum. ” Ou seja, Almeida, 2016, fala na formação ampliada, que mostre que essas pessoas deficientes conseguem aprender, tanto quanto os outros alunos e, também que venha formar educadores, para que os mesmos estejam preparados para trabalhar com crianças quem tenham alguma deficiência, e que da mesma forma possa inseri-los nas atividades de uma sala de aula comum.

O trabalho apresenta duas seções teóricas que tratam, consecutivamente, de inclusão e de letramento em diálogo com o conceito de alfabetização. Em seguida, está descrita a metodologia com a apresentação dos dados.

2 LETRAMENTO, ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Um dos desafios enfrentados na escola é compreender as diferenças entre letramento e alfabetização. Magda Soares e Antônio Batista escreveram, em 2005, um caderno do professor para o Ministério da Educação. O material seria utilizado como apoio em cursos de formação continuada de professores que atuavam em séries primárias.

Este Programa de Formação Continuada destina-se à formação de docentes e especialistas e ao aprimoramento de processos de ensino-aprendizagem da Educação Infantil e das séries iniciais (ou dos Ciclos Iniciais) do Ensino Fundamental, na área da alfabetização e do letramento. O Programa é de natureza semi-presencial e, nesta primeira etapa, tem como base material oito cadernos impressos. Os participantes aprovados receberão certificado da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais, quando da conclusão do curso (SOARES, 2005, p. 7)

Na primeira etapa do programa, havia três módulos. O primeiro foi “Alfabetização e letramento: fundamentos teórico-metodológicos e práticas (8 cadernos), com carga horária de 140h (76h presenciais + 64h não-presenciais)”; o segundo, “Alfabetização e letramento: fundamentos psico-lingüísticos [sic] e práticas (6 cadernos), com carga horária de 108h (60h presenciais + 48 não-presenciais)”; e o terceiro, “Alfabetização e letramento: fundamentos metodológicos e práticas (4 cadernos), com carga horária de 76h (44h presenciais + 32h não-presenciais)”.

A descrição detalhada do programa tem por objetivo desencadear a reflexão sobre a necessidade de formação continuada dos professores da rede pública, formados em grade curricular anterior à inclusão desse conteúdo. Ou mesmo, a formação de professores (as) que estudaram em centros, escolas e universidades atuais que ainda não valorizaram a inclusão de disciplinas que abordem a temática.

A necessidade de formar educadores que compreendam as diferenças entre letramento e alfabetização não ocorre somente pela demanda da formação regular. Segundo Infante (2004, p.117), “A baixa escolaridade de parte da população adulta no Brasil dificulta que uma parcela importante possa participar de cursos de capacitação”. Segundo IBGE (2019), “No **Brasil**, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) **2019**, a taxa de **analfabetismo** das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em **6,6%** (11 milhões de analfabetos)”. Segundo a mesma fonte.

A Região **Nordeste** apresentou a maior taxa de analfabetismo (**13,9%**). Isto representa uma taxa aproximadamente, quatro vezes maior do que as taxas estimadas para as Regiões **Sudeste** e **Sul** (ambas com 3,3%). Na Região **Norte** essa taxa foi **7,6 %** e no **Centro-Oeste**, **4,9%** (idem)

O material didático de Soares (2005) é apenas uma dentre muitas ações desenvolvidas em nosso país que visam a atualização dos profissionais de educação que atuam nas séries iniciais. Há ainda a demanda sobre a formação para que esses profissionais possam construir uma escola inclusiva, mesmo que em suas salas ainda não tenha nenhuma criança ou jovem com deficiência.

Essa seção teórica está dividida em duas partes, sendo a primeira sobre educação inclusiva e suas limitações no cenário brasileiro e, mais especificamente, na escola EMEIEF. Dr. Edmilson Barros de Oliveira, localizada na cidade de Redenção – Ceará. A segunda parte dessa seção traz uma reflexão sobre letramento e alfabetização.

2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA TODOS/AS?

A concepção de deficiência com a qual trabalharei para desenvolver a reflexão sobre a inclusão é a proposta por Diniz (2003; 2007)

Deve-se entender deficiência como um conceito amplo e relacional. É deficiência toda e qualquer forma de desvantagem resultante da relação do corpo com lesões e a sociedade. Lesão, por sua vez, engloba doenças crônicas, desvios ou traumas que, na relação com o meio ambiente, implica em restrições de habilidades consideradas comuns às pessoas com mesma idade e sexo em cada sociedade. Lembro que deficiência é um conceito aplicado a situações de saúde e doença e, em alguma medida, é relativo às sociedades onde as pessoas deficientes vivem. Além disso, evito o uso da expressão pessoa portadora de deficiência ou pessoa com deficiência, mas adoto pessoa deficiente ou, simplesmente, deficiente (DINIZ, 2003, p.1).

Assim como a pesquisadora, a presente pesquisa também adotará o termo pessoa deficiente ou deficiente para se referir as condições físicas desiguais causadas, dentre outras razões, por lesões.

Se escuta muito falar da educação para todos. Mas será se existe essa educação para todos? Ainda há muito a se pensar e pesquisar sobre esse questionamento, pois nem todas as escolas não estão preparadas para receber crianças deficientes. Muitas não se têm um educador especializado para acompanhar essas crianças, muitas das vezes, o núcleo

gestor não dar o suporte necessário para essas famílias, os professores não estão preparados para receber essas crianças em sala de aula. Como Izabel Magalhães vem dizer no seu livro *Coleção Letramento, Educação e Sociedade*:

Lidar com esse aspecto do ensino/aprendizagem relativo à crença na (in) capacidade das pessoas deficientes não devem ser subestimadas porque se professores e professoras adotarem uma perspectiva desfavorável, que é aparente no desinteresse por essas pessoas, é mesmo pouco provável que elas aprendam. Portanto, é fundamental que haja mudança nas mentalidades de docentes, o que demanda programas de formação (MAGALHÃES, 2016, p. 166)

Esses programas de formação para os docentes ainda são muito escassos, considerando a demanda proveniente da complexa rede de ensino brasileira. Com a necessidade de cumprir a legislação, a responsabilização das ações recai sobre as escolas e mesmo sobre o/a educador/a, que tem que buscar formações fora da rede de ensino em que está inserido/a.

Outro aspecto relevante para o sucesso do letramento escolar vivenciado por crianças e jovens com deficiência é a presença da família. A troca de informações entre professor e responsável pode auxiliar na identificação de avanços da aprendizagem.

A aluna na qual acompanhei durante todo este período, os seus familiares sempre se fizeram presente no ambiente escolar, sempre que precisávamos de algo ou de alguma coisa podíamos contar com os mesmos para tudo. A educanda sempre se pouco confortável para realizar algumas práticas sociais, de se socializar com a turma, de realizar algumas das tarefas propostas pelo professor.

O processo de letramento de uma criança com deficiência não é um trabalho fácil, pois muitas escolas e professores se sentem despreparados para trabalhar com esses alunos. Muitas vezes, as instituições não estão preparadas para trabalhar com as diferenças socioculturais entre os sujeitos, com as limitações físicas de alguns. Diante de um universo tão rico e complexo,

[...] devem buscar formas de educar tais crianças bem-sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. Existe um consenso emergente de que crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devam ser incluídas em arranjos educacionais feitos para a maioria das crianças” (SALAMANCA, 1994, p. 03).

Na inclusão social todos em direito a educação, como vem afirmar em Salamanca (1994, p. 01) “toda criança tem direito fundamental à educação”

Não existe uma receita pronta para se trabalhar com nenhum aluno, todo estudante é único e o processo de ensino de cada um é singular, pois cada um tem uma forma de adquirir conhecimento, de aprender o que se é repassado no ambiente educacional, uma forma de interagir.

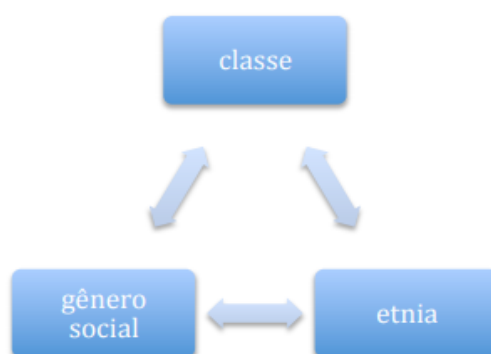
Ao transmitir os conhecimentos a uma criança deficiente, o professor busca, primeiramente, diversas maneiras, faz diversas pesquisas procurando a melhor forma de ensiná-la, pois a forma de aprender dos mesmos é diferente do restante da turma, um aprende mais rápido, outro em um processo mais lento, então, cada ensino é único.

O aprender da criança deficiente, é um pouco mais demorado, algumas das vezes, se necessita da modificação de currículo, pois, em alguns casos, ela não consegue acompanhar o conteúdo programado para o restante da turma, na qual está inserida. Mas,

“Aqueles com necessidades educacionais especiais podem atingir o máximo progresso educacional e integração social. Ao mesmo tempo em que escolas inclusivas provêm um ambiente favorável à aquisição de igualdade de oportunidades e participação total, o sucesso delas requer um esforço claro, não somente por parte dos professores e dos profissionais na escola, mas também por parte dos colegas, pais, famílias e voluntários.” SALAMANCA, 1994, 05)

Os estudos sobre letramento em situação de inclusão de pessoas com deficiência, como o desenvolvido por Andrade (2013) apontam para existência de “um outro código e dependem de outros aparatos para a leitura e a escrita” (ANDRADE, 2013, p.25). A presente pesquisa entende que o letramento aqui trabalhado é o letramento do texto escrito, portanto capaz de ser lido e escrito. Essas práticas de leitura e de escrita são, de acordo com modelo ideológico, “práticas sociais atravessadas por relações de poder e por ideologias” (STREET, 1984, p. 17 *apud* ANDRADE, 2013, p.25). Essa perspectiva de letramento está embasada em uma perspectiva teórica que considera as três dimensões do contexto social (ver Figura 01)

Figura 01: Modelo tridimensional do contexto social.



Este trabalho não apresenta a análise das três dimensões do contexto social, conforme descrito na Figura x, por analisar o processo de aprendizagem de apenas uma aluna. Em um momento posterior da observação, a dimensão social será um aspecto relevante da análise.

2.2 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Como já posto em outros momentos do texto, uma das grandes dificuldades enfrentadas, tanto no processo de formação em fase de graduação, quanto em processos de formação continuada, é a diferenciação entre alfabetização e letramento. E, ao compreender esse, o outro desafio é didatizar esse saber. Segundo Valsechi e Pereira (2016, p. 415),

[...] não é o conhecimento de teorias acadêmicas (as quais recheiam os cursos universitários de formação e variam historicamente) – por si só, “por maior que seja o seu poder ou sua eficácia para exemplificar os fenômenos da linguagem” (Kleiman e Silva, 2008, p. 510), o que faz com que os professores estejam preparados para o desafio do ensino de línguas. Até porque há um vasto caminho a ser percorrido entre as teorias e sua didatização. Quando há caminhos possíveis, vale lembrar.

Pensar essa didatização da teoria evoca análises de prática docentes, tanto em experiências de estágio, quanto como professores regentes, prática recorrente, em que o(a) aluno-professor(a) que está cursando a graduação também está atuando em sala de aula.

Mas, afinal, o que é o letramento? E alfabetização? Para Heath (1982;1983), por exemplo, o letramento estaria associado a práticas discursivas de determinado grupo social, não necessariamente associadas diretamente ao ato de ler e de escrever. As escolas, prioritariamente, são o espaço formal para a alfabetização, sendo caracterizada por Kleimam (1995) como “a mais importante *agência de letramento*”. Para ela, o letramento ultrapassa o mundo da escrita.

[a escola] **preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico)**, processo geralmente concebido em termos de uma competência individual **necessária para o sucesso e promoção na escola** [e na sociedade]. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho,

mostram orientações de letramento muito diferentes (KLEIMAN, 1995, p.20). (grifos meu)

Num exercício para facilitar a diferença entre letramento e alfabetização, Kleiman (2005, p.) apresenta os seguintes grupos:

Grupo 1: crianças que já se apropriaram do sistema de escrita e se envolvem em práticas de leitura e de escrita

Grupo 2: crianças que já se apropriaram do sistema de escrita, mas não se envolvem em práticas de leitura e de escrita

Grupo 3: crianças que ainda não se apropriaram do sistema de escrita, mas se envolvem em práticas de leitura e de escrita

Grupo 4: crianças que ainda não se apropriaram do sistema de escrita, nem se envolvem em práticas de leitura e escrita.

O Grupo 1 é formado por crianças que são alfabetizadas e letradas; O Grupo 2, por aquelas alfabetizadas, mas não são letradas. O terceiro grupo tem crianças não alfabetizadas, mas letradas. E o quarto grupo, crianças não alfabetizadas nem letradas. Esse exercício faz entender que a decodificação dos sons não é suficiente para que seja estabelecida a relação do sujeito leitor com o texto em sua totalidade. Outros aspectos estão relacionados às práticas sociais, ao tempo histórico e ao contexto.

A pessoa letrada é aquela que usa a escrita dentro das suas práticas sociais. Kleiman (2016) diz que “a oralidade é objeto de análise de muitos estudos sobre letramento. Ou seja, a prática social da oralidade acaba sendo uma forma de letramento, onde a maioria das pessoas se expressam com o seu ciclo familiar ou de amizade.

A autora também fala que:

Em certas classes sociais, as crianças são letradas no sentido de possuírem estratégias orais letradas, antes mesmo de serem alfabetizadas. Uma criança que compreende quando um adulto lhe diz: ‘Olha o que a fada madrinha trouxe hoje!’ está fazendo uma relação com um texto escrito, o conto de fadas: assim ela está participando de um *evento de letramento* (porque já participou de outros, como o de ouvir uma estorinha antes de dormir); também está aprendendo uma *prática discursiva letrada*, e por tanto essa criança pode ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever. Sua oralidade começa a ter as características da oralidade letrada, uma vez que é junto à mãe, nas atividades do cotidiano, que essas práticas orais são adquiridas (KLEIMAN, 2016, p. 18)

Magalhães (2012, p. 161), em seu trabalho “Letramentos e Identidades no Ensino Especial”, afirma que:

Na dinâmica social, instituições como a mídia e as universidades naturalizam discursos (representações) sobre a leitura e a escrita associados unicamente a escolarização. **O letramento escolar é ideológico, porque contribui para legitimar esses discursos que determinam quem sabe ler e escrever**, como se deve ler e escrever e quem está autorizado(a) a falar sobre isso (Prinsloo e Breier 1996) (grifo meu)

Ao fazer a escolha entre os diferentes tipos de letramentos, iniciamos distinguindo o letramento ideológico do letramento autônomo. Seguida da reflexão dos riscos da escolha do letramento autônomo.

Segundo Batista Júnior e Sato (2016, p.76) “o domínio da escrita seria ferramenta suficiente para o desenvolvimento intelectual e cognitivo, conferindo aos povos industrializados a condição de superioridade pela detenção de tal ferramenta”, a partir disso o Street denominou como Letramento Autônomo. Por que Letramento Autônomo? Batista Júnior e Sato (2016, p.76), citam que o termo autônomo “deve-se ao fato de o indivíduo poder adquirir isoladamente do contexto de produção, os conhecimentos contidos nos livros, fazendo com que sua capacidade cognitiva definisse o grau de competência dos indivíduos ante as práticas que os mesmos estivessem expostos”.

Estes autores usaram uma metáfora para melhor explicar o termo Letramento Autônomo:

O indivíduo orgânico tomado como uma máquina que possui “configurações” capazes de “processar” dados, fazendo com que produza respostas satisfatórias. Essa máquina humana poderia por si codificar e decodificar textos, produzindo-os em qualquer instância ou atividade, como se a escrita fosse também uma tecnologia neutra, como um “software” que depois de instalado não precisasse mais de nenhuma atualização. (BATISTA JÚNIOR; SATO, 2016, p. 77)

Ou seja, esse modelo de letramento possui características próprias como:

1. A correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo;
2. A dicotomização entre a oralidade e a escrita;
3. A atribuição de “poderes” e qualidades intrínsecas e a escrita, e por extensão, aos povos ou grupos que a possuem. (KLEIMAN, 1999, p. 22)

O letramento ideológico:

“[...] por sua vez, corresponderia á concepção de que o uso e a aquisição das habilidades se dão por meio das práticas. Que as práticas definem papéis que são exercidos pelos indivíduos. Ao dominar os papéis, assimilam-se ideologias e pressupostos de cada ambiente, tornando o indivíduo apto ao desempenho da leitura e da escrita. Assim as escolas construiriam pontes entre as práticas letradas familiares e as práticas propostas pelas escolas, tornando os alunos partícipes e não expectadores do processo de leitura e escrita. (JUNIOR e SATO, 2016, p. 78)

“Ao recontextualizar as práticas letradas, a escola passa a funcionar como catalizadora de diferentes culturas, dando a cada uma o valor real correspondente dentro do processo de escolarização” (BATISTA JUNIOR; SATO, 2016, p. 78). Ou seja, a instituição escolar nela frequenta pessoas de diferentes raças, gêneros e culturas, de contextos sociais diferenciados, onde os educadores irão valorizar o saber de cada discente que ali frequentam em seu desenvolvimento de escolarização.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado em uma escola de Ensino Fundamental I, chamada Dr, Edmilson Barros de Oliveira, localizado na cidade de Redenção- CE. A aluna, estava no segundo ano do ensino fundamental, durante o ano de 2019. O estudo de caso, motivado pela prática pedagógica desta professora-pesquisadora, foi autorizado pela escola e pela a família, conforme documentos de autorização de realização de coleta de dados e registros fotográficos.

3.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO

A presente pesquisa é um estudo de caso feito na EMEIEF Dr. Edmilson Barros de Oliveira, localizada na cidade de Redenção- CE, no período de maio a dezembro do ano de 2019, em uma turma de 2º ano do ensino fundamental. Foram utilizados diversos materiais para se trabalhar com Liz a aluna qual trabalhei, como jogos; tinta guache; lápis de cor, corda, giz, massinha de modelar, cola, papel crepom, papel ofício etc.

Este trabalho é uma pesquisa- ação, onde eu estive em campo observando o desenvolvimento e o letramento passo a passo da mesma, atuando como profissional de

apoio especializado. Orientando-a na resolução de suas atividades, na sua interação com a turma, no horário da merenda, a sua ida ao banheiro etc. Esse tipo de pesquisa tem o “envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema.” (GIL, 2002, p. 55).

Esta pesquisa foi registrada por meio de documentos, onde eles (seus pais) e a escola, me dão autorização em que posso utilizar as fotografias, e a autorização para a elaboração deste trabalho. Não irei expor o seu rosto e nem irei citar o seu verdadeiro nome, pois, escolhi usar nomes fictícios para nomear as pessoas que irão aparecer no decorrer desta pesquisa como: Liz é referente a aluna acompanhada, João o seu genitor, Nina a professora regente e Ana a outra docente que atuava no reforço, também irei desfocar as fotos no qual aparece a sua face.

Tem-se o diário de campo, em que se tem registrado tudo o que foi trabalhado com a mesma durante o ano de 2019. Esses relatórios nós enviávamos para a coordenação do projeto para que eles pudessem ver como estava sendo o desenvolvimento com a mesma, como era a realização das suas atividades, onde tínhamos que descrever as suas habilidades com a coordenação motora, a sua percepção, entre outros.

3.2 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada durante o período de maio a dezembro de 2019. Todo o meu trabalho com esta discente, durante este período, foi realizado com orientações da educadora, e da coordenação do projeto. A professora da turma me orientava nas atividades a serem trabalhadas com essa aluna. Percebi que a educanda não possuía coordenação motora, então, sempre que ela realizava alguma atividade escrita, eu segurava a sua mão para que ela pudesse realizar a escrita, de início segurava sua mão até para pintar algum desenho.

O processo de letramento realizado com esta aluna se deu através de jogos de formar palavras, cantando o silabário, livros de leituras educativas, a professora levava a turma para ler os cartazes dentro da escola, usava atividades de recorte e colagens, pinturas, celular, giz, bola, pular de corda, bambolê.

QUADRO 1 – Ações e instrumentais da pesquisa

Etapas	Ações	Instrumentos
Observação	Atuação em sala de aula com observação dos processos de letramento vivenciados pela aluna	- Diário de campo e registro fotográfico
Análise dos documentos	Coleta de documentos produzidos na escola	- Escola produziu relatórios técnicos sobre as atividades da aluna - Documentos entregues a secretaria de educação (relatório e frequência) - Documentos gestores da escola

O quadro acima foi dividido em dois movimentos realizados durante a coleta de dados: uma etapa voltada para a observação e outra para análise de documentos. São ações (atuação em sala de aula com observação dos processos de letramento vivenciados pela aluna e coleta de documentos produzidos na escola) e instrumentos (diário de campo e registro fotográfico; Escola produziu relatórios técnicos sobre as atividades da aluna; documentos da secretaria de educação e documentos gestores da escola)

A observação foi a partir do contato em que tive com a aluna dentro da escola durante o período de maio a dezembro de 2019, em que pude auxiliar e acompanhar de perto o seu desenvolvimento durante o ano letivo, pude fotografar atividades realizadas, e, até mesmo, da educanda realizando esses exercícios, com o celular *Samsung A7 2018*. Para a realização de suas atividades sempre partia da orientação da professora regente, em que ela me dizia o que fazer com a mesma, ou, quando era do livro didático, ela explicava para a turma como se fazia, e eu ajudava Liz na resolução da sua. A coordenação da escola também fez uma apostila com atividades para que eu pudesse resolver com a mesma.

Na análise de documentos, a instituição produziu uma apostila para que eu pudesse realizar as atividades com a mesma. Nós, profissionais de apoio especializado, tínhamos reuniões com a coordenação do projeto, para contar quais as dificuldades que víamos enfrentando, quais os êxitos que estávamos tendo, e então, eles nos orientavam também a melhor maneira de se trabalhar com essas crianças. Nós também tínhamos que fazer um relatório semestralmente contando as evoluções, as dificuldades daquela criança, sobre a sua coordenação motora entre outros. Após a escrita desse relatório, nós, professoras em atuação em sala, enviávamos para o e-mail da coordenadora.

3.3 RELATOS: ANÁLISE DO DIÁRIO DE CAMPO

Este trabalho foi desenvolvido na escola EMEIEF Dr. Edmilson Barros de Oliveira, localizada na cidade de Redenção- CE, no período de maio a dezembro do ano de 2019, em uma turma de 2º ano. Onde a Prefeitura Municipal de Redenção- CE lançou um edital para ser bolsista no projeto profissional de apoio especializado. Eu participei da seleção e onde passei para atuar.

Escolhi este tema, pois desde o ensino fundamental tive a oportunidade de conviver dentro de sala de aula com pessoas com deficiências, onde pude perceber a defasagem dos professores para trabalhar com crianças que possuem algum tipo de deficiência. No ano de 2019, me apareceu a oportunidade de trabalhar como profissional de apoio especializado de uma criança com deficiência, que estudava no 2º do ensino fundamental, despertando ainda mais o desejo de fazer uma pesquisa baseada nesse estudo de caso.

Percebemos que esse tema é muito importante para mostrar que as crianças com deficiências são capazes de aprender a ler e a escrever, e também, para refletir sobre a importância da inclusão social na escola e em outros espaços.

A escola inclusiva é aquela que assegura o ensino de qualidade a todos e ao atendimento a diversidade humana, é também onde todas as crianças sejam elas deficientes ou não, possam ter o direito de aprenderem juntas, como vem trazendo na Declaração de Salamanca que o “Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível.” Ou seja, essas crianças deficientes devem ser inseridas em uma sala de aula com os demais alunos.

O projeto de apoio especializado no qual participei veio com a “finalidade acompanhar estudantes da Rede Municipal de Ensino de Redenção que necessitam de apoio específico em horário escolar, em decorrência de deficiência física ou intelectual que afete a aprendizagem (EDITAL N° 01/19, p. 01)”, também, com a adaptação e modificação de currículo das crianças com necessidades especiais, mas não ocorreu essa modificação com todas as crianças que recebem esse apoio, pois não deu tempo se reunir com todas as escolas para que pudessem ocorrer a modificação de currículo. “O currículo deveria ser adaptado às necessidades das crianças, e não vice-versa. Escolas deveriam, portanto, prover oportunidades curriculares que sejam apropriadas a criança com habilidades e interesses diferentes.” (SALAMANCA, 1994, p. 08) A aluna deficiente no qual acompanhei durante este período precisava desta modificação de currículo citada a

cima pela Declaração de Salamanca, mas não ocorreu, pois, a coordenadora do projeto teria que se reunir comigo, a coordenação da escola e a professora regente, porém, não deu tempo, por conta da demanda de alunos que era muito grande.

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994, p. 09):

Para que o progresso da criança seja acompanhado, formas de avaliação deveriam ser revistas. Avaliação formativa deveria ser incorporada no processo educacional regular no sentido de manter alunos e professores informados do controle da aprendizagem adquirida, bem como no sentido de identificar dificuldades e auxiliar os alunos a superá-las (SALAMANCA, 1994, p. 09).

Essas formas de avaliação, muitas vezes, não acontecem, por isso, os professores sentem certa dificuldade, pois esse transpassar de conhecimentos para pessoas deficientes acaba se tornando algo bastante difícil, pois os mesmos se sentem despreparados e desamparados e, para que possam ter um avanço positivo com essas crianças teriam que ter um acompanhamento, orientações, etc.

As instituições de ensino modelos no ensino para estudantes portadores de deficiência, possuem uma grande falha como aparece em Salamanca, 1994:

Um problema recorrente em sistemas educacionais, mesmo naqueles que provêm excelentes serviços para estudantes portadores de deficiências refere-se a falta de modelos para tais estudantes. Alunos de educação especial requerem oportunidades de interagir com adultos portadores de deficiências que tenham obtido sucesso de forma que eles possam ter um padrão para seus próprios estilos de vida e aspirações com base em expectativas realistas. Além disso, alunos portadores de deficiências deveriam ser treinados e providos de exemplos de atribuição de poderes e liderança à deficiência de forma que eles possam auxiliar no modelamento de políticas que irão afetá-los futuramente. Sistemas educacionais deveriam, portanto, basear o recrutamento de professores e outros educadores que podem e deveriam buscar, para a educação de crianças especiais, o envolvimento de indivíduos portadores de deficiências que sejam bem sucedidos e que provenham da mesma região. ” (SALAMANCA, 1994, p. 10- 11)

Nos livros didáticos, nas atividades criadas pelas escolas, os modelos apresentados são de crianças e jovens com corpos sem deficiência, é fundamental que os colégios possam levar referências de pessoas com deficiência (deficiência visual, auditiva, paralisias, dentre outras), para os/as estudantes, onde servirá como motivação

para os mesmos, e para que eles possam ver que podem chegar a qualquer lugar que eles quiserem.

A direção da escola na qual foi feito esse estudo de caso relatou que eles (núcleo gestor) recebem orientações de como se trabalhar com essas crianças pela SME- Secretaria Municipal de Educação, onde também o professor (regente) recebe essas orientações por meio de formações, dicas, materiais da secretaria, e que nos casos mais graves são elaboradas atividades diferenciadas, com a ajuda do profissional de apoio especializado, e que eles são para ficar dentro de sala interagindo com os demais estudantes. Ao final de cada mês nós (estagiários) entregamos uma lista de frequência, no qual comprova que estávamos realmente frequentando o estágio e, de seis em seis meses tínhamos que entregar um relatório para SME relatando os avanços e as dificuldades do aluno acompanhado.

Muitas pesquisas foram realizadas em uma escola de ensino fundamental e que este é mais um estudo de caso, onde vem mostrar o desenvolvimento de uma aluna com microcefalia. Quando comecei com esta aluna ela não conseguia pegar o lápis direito, pois tudo dela era para jogar, com o passar dos dias fui ganhando a confiança da mesma, onde comecei a realizar algumas atividades com ela. Sempre cobrei a professora seus exercícios, e ela também sempre foi me ensinando formas em que eu poderia trabalhar com esta discente.

Os dados coletados foram por meio de participação ativa dentro da escola. Essa participação pôde proporcionar reflexões sobre o ensino dessas crianças, de como o conhecimento é transmitido a elas; “uma ampliação na formação dos professores que possibilite a construção de uma nova consciência sobre as possibilidades de aprendizagem do aluno com deficiência [...] e a construção e de um processo avaliativo processual e contínuo capaz de fomentar as decisões acerca de processos educativos a partir do contexto da sala de aula comum, em um diálogo entre educação especial e educação comum.” (Almeida 2016)

Este presente trabalho é uma pesquisa-ação, onde serão analisados os diários de campo; leis, decretos e ofícios onde falam sobre a inclusão escolar, da educação inclusiva; das atividades realizadas pela aluna observada e as avaliações das professoras apresentadas ao longo deste trabalho.

Mas o que é uma pesquisa- ação? GIL (2002, p. 55) cita que é:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (GIL, 2002, p. 55)

Ou seja, é um trabalho no qual o pesquisador está dentro do seu local de pesquisa, atuando. É um tipo de pesquisa em que vem ter o “envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema.” (GIL, 2002, p. 55).

Mais à frente, irei falar da minha pesquisa, dos meus relatos, de coisas que aconteceram no nosso dia a dia durante esse ano de 2019. Irei apresentar o meu diário de campo, que tem:

[...] sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las. [...]. O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, às reflexões dos pesquisadores e decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término.” (ARAÚJO *et al.*, 2013, p. 54)

Bogdan e Bilen (1994) indicam-no que:

“[...], as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que aprende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 152) (Rita de Cássia Magalhães de Oliveira, 2014, p. 74)

Esta pesquisa foi baseada na experiência vivenciada na escola EMEIEF Dr. Edmilson Barros de Oliveira, localizada na cidade de Redenção- CE, no período de maio a dezembro do ano de 2019, em uma turma de 2º ano. Eu atuava como profissional de apoio especializado, onde ajudava a essa menina na qual vou me referir de Liz optei por nomes curtos e comuns para me referir a esta aluna e as demais pessoas que irão aparecer ao longo deste trabalho. Eu a ajudava realizar todas as suas atividades no ambiente escolar. Não só a ajudava com as atividades escolares, mas também a acompanhava a sua ida ao banheiro, na hora da refeição, na interação com os colegas etc.

Liz iniciou o ano letivo de 2019 no turno da tarde, juntamente com outra profissional de apoio, só que a mesma começou a dar trabalho, não gostava de ficar dentro de sala, muitas, se jogava no chão, jogava o que tivesse em sua mão (livrinhos de historinhas, lápis, caneta, jogos educativos etc). Algumas vezes, ela chegou a tomar banho na chuva quente de 13:30 da tarde e ficar rolando pelo chão. A discente já chegava na escola chorando, pois não queria ficar naquele lugar. Fazia suas necessidades fisiológicas na roupa, pois, muitas vezes, não se aguentava.

A direção da escola juntamente com sua família, conversaram e vieram me propor uma troca, onde a partir do dia seguinte, 01 de maio de 2019, eu ficaria com ela, e a sua profissional de apoio ficaria com a criança na qual eu acompanhava. Eu topei aquele novo desafio que estava por vir, sabia que não seria fácil, mas, de uma forma ou de outra, eu queria ajudar no desenvolvimento daquela criança. A educanda mudou de turno, e passou a estudar pela manhã, onde foi mais uma coisa para que ela pudesse se adaptar.

Fui para a escola no turno da manhã, para professora regente foi um susto, pois ela não estava preparada para receber aquela criança com deficiência. Quando Liz chegou não queria ficar dentro de sala, jogava o material na qual eu levei por conta própria para começar a trabalhar com ela, os jogos que a professora deu para que pudesse utilizar com a mesma. A discente sempre quando chegava ao colégio não queria deixar o seu genitor ir para o trabalho, ficava o segurando e chorando. A mesma não queria parar dentro de sala de aula, gostava muito de ficar passeando dentro da escola, não gostava de estar calçada, sempre tirava as suas sandálias.

Durante a primeira semana no qual eu tive esse contato com a educanda, pude ir percebendo várias coisas, tipo o que ela gostava de fazer, o que gostava de comer, brincar. Percebi que ela gostou bastante da minha garrafa com água na qual eu levava para a escola. Na semana seguinte, fui em uma loja e comprei uma para ela, foi uma felicidade só dessa menina quando viu esta garrafa. A partir daí começou a criar o hábito levar a sua água todos os dias para a escola.

Todos os dias quando chegava na instituição se vestia dentro do carro de seu pai, o senhor João, ao entrar na escola levava o seu lanche de café da manhã para poder comer lá, pois não tinha o hábito de comer em casa. Aos poucos, a educanda começou a deixar de levar roupas dentro da sua mochila, pois eu juntamente com sua família, começamos a incentivar para que ela pudesse parar de fazer as suas necessidades fisiológicas na roupa.

Comecei a levá-la ao banheiro e ensinando-a a pedir para ir aquele local, a tirar e a vestir a sua roupa sozinha, a fazer suas necessidades no vaso sanitário.

Na hora do intervalo, quando o lanche era algo quente, tipo a sopa, eu esfriava para depois dar a mesma, pois tinha medo que ela pudesse vir se queimar. Ela comia o lanche da escola, mas, depois, o seu pai a acostumou a comprar todos os dias comida em uma lanchonete atrás do colégio, onde, na maioria das vezes, era xilito ou biscoito com refrigerante. Eu pedia para que ele não comprasse, pois, a merenda ofertada pela escola era mais saudável. Depois que ela se acostumou a ter todos os dias a sua merenda dentro de sua mochila começou a deixar mais de comer a da escola, eu sempre insistia, mas ela se recusava a comer, e, uma das vezes, chegou até jogar o prato de sopa quente em mim.

Liz não levava nenhuma atividade para casa, pois todos os exercícios trabalhados com a mesma são desenvolvidos dentro da escola, onde foi mandado algumas vezes atividades para casa e não teve êxito. O seu caderno das atividades foi mandado algumas vezes com exercícios para casa, mas quase não voltava mais para escola para que a professora regente pudesse corrigir, então Nina (professora regente) achou melhor fazer as atividades no caderno na escola.

Para trabalhar com ela, Nina pediu para que eu falasse com seus pais para que ele pudesse comprar alguns materiais como lápis de cor, cola, um caderno, lápis de escrever, borracha etc. Eles compraram e foi uma felicidade só dessa criança, onde os mesmos chegaram relatando na escola que Liz não queria dormir segurando o saco onde estavam suas coisas. Liz chegou na escola tão feliz com o seu material que, ao chegar na instituição, foi logo me mostrar as suas coisas que seus pais haviam comprado. Eles, muitas vezes, chegaram no colégio me falando que ela, ao invés de chorar para entrar na escola, ela fica pedindo para ir, que, algumas das vezes, mesmo adoentada, a mesma fica pedindo para ir. É perceptível que a discente é muito amada em seu círculo familiar.

O seu João se faz presente nas festinhas, como a do dia dos pais, onde a mesma confeccionou a sua lembrancinha em sala de aula, ele faz questão que ela participe dos eventos escolares, mas, pelo fato da mesma não gostar de barulho, ela não gosta. No período junino, uma das professoras que trabalha na escola vestiu ela com o vestido de quadrilha, ela ficou muito linda e toda feliz, dançando com aquele vestido rodado. Eu a chamei para ir participar da quadrilha da escola, mas a mesma não quis.

Apesar desta recusa, a aluna participava ativamente de muitas outras atividades desenvolvidas em sala de aula juntamente com a turma.

Fotografia 01- Confeção de atividade lúdica



A Fotografia 01 foi tirada no dia 23 de agosto de 2019, as 10h08min. Liz estava confeccionando a lembrança do dia dos pais, que a professora Nina levou para que a turma pudesse preparar, era um tipo de raspadinha, onde ela pintaria o coração e os círculos onde teria algumas palavras ela teria que pintar de preto. Quando o seu pai recebesse, ele iria raspar os locais de preto onde teria essas palavras de afeto. A educanda ficou bastante empolgada na confecção desta lembrança. Foi algo no qual ela gostou bastante, pois gosta bastante de trabalhar com tinta guache.

Uma das vezes, teve um evento no ginásio ao lado da escola que Liz estuda, onde havia muito barulhos, pois tinha um paredão de som, a mesma não conseguia ficar quieta dentro da sala de aula, nem conseguia ir para fora, onde ela ficava tapando os ouvidos por conta do barulho, o que aconteceu foi que me pediram para levar ela para a sala da coordenação onde lá ela ficaria mais calma, e realmente ela ficou. Outro fato parecido com este foi quando passou um carro de som próximo a escola e a mesma estava no pátio juntamente com a sua turma para que fosse realizada uma atividade, mas por conta do barulho ela novamente ficou agitada, onde foi parar novamente na sala da coordenação, pois lá era o local mais calmo que ela pudesse ficar.

A sala de aula onde ela estudava na maioria das vezes tinha muito barulho por conta da turma que fazia, e também porque era próximo de uma rua, onde muitas das vezes escutava tudo o que acontecia do lado de fora, e também a sua sala de aula era muito quente, apesar de ser bem ampla, muitas das vezes Nina juntamente com Ana que era uma professora efetiva que trabalha na instituição mas que atuava na área do reforço durante no turno da manhã e que a tarde era profissional de apoio especializado, sugeria que eu a levasse para uma sala onde essa profissional ficava com os alunos do reforço, pois era um local calmo, sem barulhos e possuía um ar- condicionado. Então eu a levava. Liz gostava muito desta sala pois lá possuía diversos jogos, livrinhos, etc. Eu sempre a levava para lá no segundo turno, pois era onde a turma voltava muito agitada do intervalo.

A mesma tem um bom relacionamento com a maioria da turma, e muitos têm um carinho muito grande pela estudante, e onde todos da escola gostam muito da mesma, não pelo fato dela ter uma necessidade especial, mas por ela ser uma criança muito carinhosa. Alguns alunos da turma ainda não tinham uma comunicação com a mesma tinham receio por ela ser uma criança especial, mas com o decorrer dos meses essa situação melhorou, e todos se tornaram amigos dela.

A professora regente sempre procurava inserir Liz em todas as atividades na qual ela fosse realizar em sala. Realizava atividades dentro e fora da sala de aula, com o livro, exercícios impressos. Em uma de suas aulas fora de sala, onde saiu mostrando os cartazes que haviam dentro da escola, Liz ficou bastante atenta, onde sentou no chão para ouvir a professora e até chegou a tirar foto com a turma.

Na semana do SPAECE Nina, com o intuito de incentivar a sua turma, fez brindes com o rótulo do SPAECE, na qual Liz recebeu e ficou muito feliz. A mesma realizou a sua prova do SPAECE no turno da tarde, pois foi no horário no qual ela iniciou o ano letivo. Liz realizou a prova em uma sala longe do restante da turma na qual ela estudava, onde lá tinha outras crianças com necessidades especiais e seus profissionais de apoio especializado. Dentro desta sala havia uma pessoa que não fazia parte daquela comunidade escolar monitorando enquanto aquelas crianças realizavam a prova. Ao longo da prova eu fazia a leitura do enunciado das questões para Liz, lia os itens que continha as respostas e pedia para que ela apontasse onde era o item no qual ela achava que era correto e assim ela marcava com um X ou com um círculo.

Em uma aula de matemática onde Nina trabalhou os números, a mesma levou uma historinha sobre os numerais. Depois eu peguei e reli novamente a história para Liz. Ela conseguiu relacionar os números da historinha com a quantidade de desenhos apresentados no livrinho corretamente. A educanda em cada numeral que ela ia passando ia reconhecendo cada um deles sem a minha ajuda. Neste dia eu fiquei maravilhada em ver ela contando. Eu utilizo a matemática com a aluna em muitas outras coisas como: ao brincar com a corda, onde ao pular ela fosse contando quantos pulos ela dava; com a bola; na amarelinha etc, eu sempre pedia para que ela fosse contando.

Fotografia 02 - Letramento numérico

A fotografia 02 foi tirada no dia 20 de setembro de 2019, às 07h58min... Nesta aula foi trabalhada a matemática, onde Nina a professora regente levou este livrinho de historinha para trabalhar com a turma. Depois que ela leu para toda a turma, eu li novamente para Liz onde ela foi reconhecendo os numerais, onde eu fiquei bastante feliz com a sua desenvoltura nesta aula. Ela gostou tanto do livro que passou horas olhando o mesmo.

A aluna tem a noção de quantidade. Fiz uma atividade com a mesma onde desenhei algumas gravuras e ao lado desses desenhos coloquei a quantidade que cada um possuía, para que ela pudesse ligar. Ao contar quantos desenhos tinham eu pedia para que ela olhasse para o lado e me disse qual número correspondia aquela quantidade que a mesma tinha acabado de contar, e ela sempre respondia corretamente.

A mesma possui um certo conhecimento prévio, pois ela é acompanhada no AEE- Atendimento Educacional Especializado. Em uma das aulas a professora regente trabalhou com um joguinho de madeira onde trabalhava a unidade, dezena e a centena. No qual Nina desenhou na mesa o espaço da unidade, dezena e centena e deu a quantidade de peças para cada aluno, a mesma participou da aula na qual foi bastante interativa, e também por sinal gostou bastante.

Fotografia 03- Letramento numérico (dezena e centena)

A fotografia 03 foi tirada no dia 04 de outubro de 2019, as 10h07min... Nesta aula a professora regente trabalhou o letramento numérico referente ao reconhecimento de unidade, dezena e centena. Sozinha, Nina separou os espaços na mesa com o pincel e colocou as iniciais de cada nome (unidade/U, dezena/D, centena/C) para representar cada unidade. Em seguida, deu a quantidade para que eles fosse colocando em cada espaço indicado. Liz amou esta explicação, pois além de ser bastante interativa ela interagiu bastante sorrindo, empolgada.

Sua capacidade de percepção e memória são muito boas, pois ela consegue memorizar várias letras, palavras, músicas. A mesma conhece o alfabeto, que por sinal gosta bastante da música “abecedário da Xuxa”, onde fala das respectivas letras, onde canta sem precisar escuta-la ou ver o vídeo. Realizei atividades com a mesma a respeito das letrinhas, uma delas era para recortar de jornais e revistas a vogal A, e colar nos locais indicados. Liz se saiu muito bem, onde começou a recortar e a colar essa vogal. Em outra atividade desenvolvida foi ela fazer as vogais com bolinhas de papel crepom, onde ela amassava e fazia a bolinha e em seguida colava na folha de papel ofício.

Fotografia 04- Identificando a letra A



A fotografia 04 foi tirada no dia 28 de agosto de 2019, as 08h21min. A aluna está realizando atividade da sua apostila, preparada pela coordenação com o objetivo de reconhecer a letra A em diferentes formatos. Para tanto, a aluna precisaria reconhecer e recortar a vogal A, para colar nos locais indicados. Liz não quis recortar as letrinhas, então

eu recortei e ela foi colando. Gostou muito, pois essas atividades interativas ela gostava demais.

Nossa avaliação sobre essa atividade é a de que o estudo da letra dissociada da palavra em seu contexto de uso pode se aproximar do letramento autônomo.

Fotografia 05 – Desenvolvimento da coordenação motora no aprendizado de letras



A fotografia 05 foi tirada no dia 31 de maio de 2019, às 08h39min. nesta fotografia Liz estava fazendo as vogais com bolinhas de papel crepom. Eu recortei pedacinhos de papel e ela ia fazendo bolinhas e colando em uma folha de papel ofício. Ela gostava muito de trabalhar com colagem, realizava a atividade com um sorriso no rosto.

Outra atividade que Nina passou para a turma foi de juntar as sílabas, onde no exercício tinha o desenho representando a palavra e a sílaba inicial de cada uma, a estudante conseguiu desenvolver direitinho essa atividade. Onde quis realizar várias vezes. Depois que juntou cada figura a sua sílaba inicial, eu pedia para ela ler, e a mesma lia na maioria das vezes sem precisar da minha ajuda. A educanda gostava bastante de trabalhar com tinta guache, onde a professora regente orientou em que eu pintasse as suas mãos de tinta e colocasse em uma folha de papel ofício, assim eu fiz. E trabalhei a questão de lateralidade, lado direito e esquerdo.

Fotografia 06- Trabalhando a imagem com a sílaba inicial de cada gravura



A fotografia 06 foi tirada no dia 21 de maio de 2019, às 10h25min... Essa fotografia foi tirada na sala onde a professora efetiva do município dava suas aulas de reforço no período da manhã. Geralmente, ela nos cedia esse espaço, pois a sala onde Liz estudava no segundo horário depois do intervalo ficava bastante agitada, então nós íamos para lá, e ela particularmente gostava bastante dessa sala, pois lá tinha jogos, era fria por conta do ar-condicionado, livros etc. Nesta imagem vem mostrar Liz montando uma espécie de quebra-cabeça, com o objetivo de juntar a figura com a primeira sílaba de sua palavra. Que ao final sempre pedia para ela fazer a leitura. A aluna gostava bastante desse jogo, onde ela fez e refez ele várias vezes

Assim como as atividades das figuras 04 e 05, esta atividade é dissociada de contextos de uso.

Fotografia 07- Estudando lateralidade



A fotografia 07 foi tirada no dia 22 de maio de 2019, às 08h45min. aqui foi trabalhada a lateralidade o seu lado direito e esquerdo. Para cada lado, nós utilizamos uma cor. As cores escolhidas foram vermelhas e amarelas. Ela amou essa atividade, pelo fato

dela gostar bastante de tinta guache, e de fazer atividades lúdicas. O ensino da lateralidade é identificar as relações espaciais, incluindo o uso do papel ao escrever, da esquerda para a direita.

Em uma das atividades relacionada à leitura, em outubro, por ser o mês das bruxas, a professora levou a gravura de uma bruxa, para que os/as estudantes pudessem recortar, pintar e depois colar no caderno. O desenho da bruxa tinha a sílaba complexa com encontro consonantal “BR”. Depois apresentada, eles colocariam na folha do caderno de o desenho, restante das sílabas onde formariam palavras com a inicial “BR”. Depois eu fiz a leitura dessas palavras com a discente, onde além de ter trabalhado a leitura trabalhou também a vibrante da língua.

Fotografia 08- Estudando o encontro consonantal “BR”

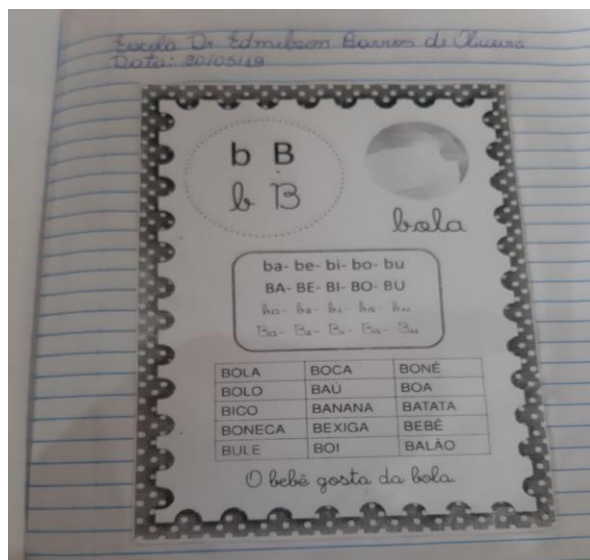


A fotografia do anexo 08 foi tirada no dia 01 de novembro de 2019, às 10h22min. aqui a professora regente trabalhou com a turma as sílabas complexas. Como dias antes tinha sido o dia do Halloween, ela escolheu a figura de uma bruxa, onde em seu chapéu tinha o início da sílaba BR, juntamente com a imagem vinha ao lado para eles recortarem e colarem junto com a imagem da bruxa, quando eles subiam ou desciam o papel formavam palavras com essa inicial. Liz pintou a bruxinha e colou, mas recortar ela pediu para mim fazer isso. Ela ficou bastante feliz quando terminou a atividade e quando viu tudo bonitinho em seu caderno e foi ler as palavras formadas.

Outro exercício de leitura realizado pela docente foi o recorte de algumas gravuras, onde a baixo de cada uma delas continha uma sílaba. Eu recortei e discente preferiu só colar e ler as palavras formadas. A mesma realizou a atividade de colar bem rapidamente. E leu as palavras a partir dos desenhos pois a mesma os reconhecia. Ela lia também algumas palavras sem precisar de desenhos como: lua, sol, o seu nome completo. Quando ela vai ler alguma palavra que tem dificuldade, peço que ela olhe para a minha boca, para ver como é a pronúncia e em seguida repetir junto comigo. A discente sempre gostava quando eu lia historinhas para ela, onde ficava bem quieta prestando atenção, depois ela pegava o livro e ficava folheando e dizendo o nome dos personagens.

Nina dava para seus alunos folhas impressas onde continha a letra que ela iria trabalhar naquele dia, e nela continha as variadas formas de escrever, a junção daquela letra com as vogais, palavras iniciadas com a mesma e uma frase que tivesse palavra iniciada com aquela letra. Na parede da sala de aula continha o silabário colado onde todos os dias a professora fazia a leitura com os educandos. Os alunos participavam bastante. Eu sempre fazia com Liz, incentivando- a formar palavras com as sílabas do silabário, dando continuidade ao trabalho de Nina com ela.

Fotografia 09- Estudo da letra “B”



A fotografia 09 foi colado em seu caderno no dia 20 de maio de 2019, mas a fotografia foi tirada no dia 28 de maio de 2019, às 10h02min. este material a professora

entrou para todos os alunos, colando no caderno de cada um. Onde traz as diversas formas de escrever a letra B, o silabário e algumas palavras iniciadas com a letra B.

A discente na maioria das vezes só gostava de falar comigo e alguma das vezes nem isso. E quando falava o som da sua voz saia muito baixo. Demonstra muita dificuldade em se comunicar com as pessoas, fica um pouco tímida. Quando as pessoas ao seu redor falam com a mesma, sempre procuro estimulá-la a responder, pois ela fica encabulada. Quando voltou das férias do mês de julho eu não conseguia escutar muito a sua voz, só sabia o que estava falando pela sua linguagem labial. A discente geralmente só fala com os outros alunos quando os mesmos vão até a sua carteira.

Liz não tem muito noção temporal, mas percebe quando está próximo de tocar o sinal para ir para casa, e também que naquele horário o seu irmão que estuda na escola vizinha vai para o seu colégio ficar no aguardo esperando alguém para pagarem eles.

Em relação a comunicação escrita ela tem mais dificuldade, pois a educanda não possui muito a coordenação motora. As atividades de escrita sempre seguro em sua mão, para que possa realizar, pois não consegue escrever. Sempre procurei trabalhar bastante a questão das habilidades motoras da discente. A mesma melhorou bastante a sua coordenação motora, onde em uma atividade de traçar o pontilhado e já consegue fazer esse traçado no local correto, sem rabiscar, algumas letras ela já consegue realizar sozinha. Antes a mesma quando ia pintar rabiscava o desenho completo, e já se consegue ver um avanço, onde já pinta dentro do local indicado.

Fotografia 10 - Atividade de desenvolvimento da coordenação motora



A fotografia 10 foi também tirada no dentro da sala disponibilizada pela professora do reforço citada acima, no dia 24 de maio de 2019, às 08h22min. esta

fotografia mostra Liz resolvendo uma de suas atividades da apostila que a coordenação deu para que eu pudesse trabalhar com a mesma. Nesta atividade ela tinha que levar a abelhinha até a sua colmeia. A estudante teria que encontrar o caminho certo que levaria esta abelha até a sua casinha. Liz gostava bastante de resolver as atividades da apostila, quando ela não se encontrava agitada, conseguia resolver de 3 a 4 atividades.

A atividade para desenvolvimento de coordenação motora é uma das atividades que gosta de realizar. Uma avaliação necessária é a de que é mais uma atividade descontextualizada, que pode ser caracterizada como uma atividade de letramento autônomo.

Em umas das aulas a professora regente me orientou para que eu fizesse linhas no chão com giz e pedisse para que ela pudesse andar em cima, depois pedi para que ela fosse pulando nos espaços indicados, desenhei no chão também a amarelinha.

Comecei a trabalhar com a Liz como fazer o seu nome, e as vogais, onde todos os dias o fazia com pontilhados, e pedia para que ela fosse cobrindo. Com as vogais eu pedia para que ela as fizesse com a massinha de modelar.

A diretora da escola fez uma apostila para que eu pudesse trabalhar com ela durante o ano letivo. Na apostila continha atividades de coordenação motora, sobre as vogais, de recorte e colagem, de cobrir etc. Eu trabalhava com a mesma, essas atividades, mas quando a professora regente da sala passava alguma atividade na qual ela conseguisse resolver, a mesma fazia. A coordenação do projeto de apoio especializado ia fazer a modificação do currículo da aluna, para que fosse passada atividades do seu nível de aprendizagem, mas não aconteceu.

Em uma de suas atividades da apostila se pedia para fazer um percurso com grãos de feijão. Outro exercício era para colar cordão de lã para formar a lona do circo. A coordenação motora grossa a educanda consegue desenvolver sem precisar da ajuda de ninguém como: andar, correr, pular.

Fotografia 11- Trabalhando com grão de feijão



A fotografia 11 foi tirada no dia 29 de maio de 2019, às 08h42min. esta fotografia mostra Liz resolvendo a atividade de sua apostila, onde ela teria que ajudar o tatu a chegar ao seu buraco, traçando o caminho correto com grãos de feijão. Para a realização desta atividade levei Liz para pedir grãos de feijão na cantina da escola, mas ela ficou com vergonha de falar, só sorriu, então eu pedi para a cozinheira para que ela pudesse realizar a atividade. Ela gostou bastante, colou diversas vezes os grãos de feijão, pois muitas das vezes despregavam da folha, então ela ia lá e pregava novamente.

Fotografia 12- Trabalhando com lã



A fotografia 12 foi tirada no dia 26 de agosto de 2019, as 09h56min. nesta atividade a educanda teria que usar cola colorida ou fios de lã para colocar em cima do pontilhado do circo. Como não tínhamos a cola colorida usamos a lã. Foi uma atividade na qual gostou bastante, interagiu e ficou bem feliz com o resultado final.

Liz possui uma memória muito boa, onde cobre as palavras pontilhadas que faço em seu caderno, e ao finalizar sempre vou lendo cada palavrinha com a mesma, no dia seguinte faço novamente a releitura das palavras trabalhadas no dia anterior, e ela sem precisar que eu leia a palavra, só em olhar já consegue fazer a leitura da mesma sozinha.

Trabalhar com Liz me mostrou o quanto eu posso ir além como educadora. Este estágio está sendo utilizado para nos deparar com as nossas limitações, e através dele superá-los e aperfeiçoar os estudos para uma realização de uma prática eficaz. Ela é uma criança extremamente carinhosa, fica bastante feliz com todas as atividades que preparo para ela. No início ela dava um pouco de trabalho para ficar na escola, hoje não dar mais, hoje em dia pede para ir para o colégio e não chora mais para ficar. A família pode-se perceber que é bem presente na escola, que se continuar assim a educanda vai longe na sua vida escolar, irá conseguir se desenvolver bem mais. A comunidade escolar está

sempre me orientando de como posso trabalhar com a mesma. A professora da sala sempre indicando atividades para que ela possa realizar com a estudante.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista os argumentos e relatos apresentados, pode-se perceber a importância da educação inclusiva, onde as crianças com deficiências são capazes de aprender, não no tempo em que o educador quer, mas no seu tempo, respeitando suas dificuldades e limitações.

Apesar do letramento escolar vivenciado pela estudante ser o letramento autônomo, sem contextualização do ensino das palavras, foi identificado um grande engajamento da estudante em todas as tarefas desenvolvidas. Da mesma forma, assim como o engajamento, o aprendizado foi considerado satisfatório, pois atingiu os objetivos estabelecidos em todas os planejamentos.

Percebe-se que esse tema é muito considerável para mostrar que as crianças deficientes são capazes de aprender a ler e escrever, e também, para refletir sobre a importância da inclusão social na escola e em outros espaços.

A escola não pode ser vista para essas crianças só como um ambiente de lazer, mas um local onde elas estão lá para adquirir os conhecimentos, interagir socialmente com outras pessoas, lhe mostrar uma visão de futuro, pois como pudemos ver acima no relato de diário de campo, onde a aluna observada, tinha dificuldades de comunicar-se com outros indivíduos, dificuldades com a escrita, mas que ela conseguia sim ter um bom desenvolvimento.

Podemos perceber a parceria que tem entre família e escola, pois pode-se ver a presença dos seus pais, a preocupação em que eles têm em lhe dar uma boa educação, em querer lhe ver participando dos eventos escolares, em saber como você está indo, em relação ao seu desempenho e comportamento.

Nos resultados apresentados pode-se perceber a evolução da criança observada, pois quando iniciei o meu trabalho com ela, a mesma não conseguia se quer ficar dentro da sala de aula, e quando ficava jogava tudo o que tinha em suas mãos, chorava para ficar na escola, ficava descalço, fazia suas necessidades fisiológicas na roupa entre outros.

Mas a partir do momento em que houve a troca entre eu e a profissional de apoio que ficava com a mesma, a mudança de turno, comecei tentando colocar hábitos na estudante, onde fui mostrando a mesma que ela teria o horário para estudar, de brincar, da refeição, o de ir para casa, então a educanda foi mudando os seus modos, aos poucos fui conseguindo realizar atividades com a mesma, onde comecei ensiná-la a ir ao banheiro fazer suas necessidades fisiológicas, a interagir com os seus colegas de turma, a sentar para lanchar. Foram pequenas mudanças onde veio a ter um avanço grandioso, pois ela uma aluna que chorava para não ficar no colégio, não parava um minuto se quer dentro da escola. Os seus pais e a comunidade escolar logo perceberam esse avanço, onde todos ficaram muito felizes com o progresso desta aluna.

Ao longo do ano letivo se foi trabalhado a sua leitura, escrita, pois como a mesma não tem muito domínio da coordenação motora, sempre procurar exercitar bastante a sua coordenação motora. Quando ela pegava um livro de história ela podia não saber o que a enredo, mas ia falando o nome dos personagens de acordo com a sua imaginação, conseguia ler seu nome completo quando o via escrito no caderno, lia também pequenas palavras sem precisar de gravuras como “sol”.

Pode-se perceber pelas imagens o quanto ela gosta de realizar atividades lúdicas com: utilizar a tinta guache, de recorte e colagem, de amassar bolinhas de papel crepom, colar grãos de feijão, entre outros.

A aluna observada teve um bom desempenho e um bom desenvolvimento durante o ano, onde seus pais chegavam-me contando na escola que ela havia conseguido ler pequenas palavras em casa, sem ajuda de ninguém, onde eles já ficaram imensamente felizes pelo fato dela pedir para ir à escola, mesmo adoentada, então para eles aquelas pequenas coisas já se tornavam grandes conquistas.

O acompanhamento com o profissional de apoio especializado é de suma importância, pois ele consegue ter mais contato com a criança deficiente, saber até onde essa pessoa com deficiência tem em relação a conhecimentos de sala de aula. O trabalho com a escrita e a oralidade inicialmente começou sem muito êxito, mas no decorrer dos meses a mesma começou a desenvolver-se, a participar das atividades escritas em sala de aula, exercícios de leitura etc.

REFERÊNCIAS

Almeida, Rosiney Vaz de Melo. **Escolarização de alunos com deficiência intelectual: a construção de conhecimento e o letramento.** Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6197>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2021.

ANDRADE, Sinara Bertholdo de. **Discursos e Letramentos na Inclusão de Pessoas com Deficiência Visual no Ensino Público.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília (UnB). 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Microcefalia: causas, sintomas, tratamento e prevenção. S.d. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/microcefalia>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2019. Disponível em:<<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>> Acesso em 02 de março de 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 03 de março de 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SATO, D.T.B.; BATISTA JÚNIOR, J.R.L; SANTOS, R..C.R. **Ler, escrever, agir e transformar:** uma introdução aos novos estudos do letramento. Recife: Pipa comunicação, 2016.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. (Entre) Linhas de uma Pesquisa: o Diário de Campo como Dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 2, n. 4, p. 70-87. 2014.

REDENÇÃO(CE). Edital nº 01/19. **Processo seletivo simplificado para estágio remunerado da secretaria municipal de educação de redenção-** educação inclusiva. Redenção, 04 de fevereiro de 2019. 21'111

O que é inclusão escolar?. **Portal da educação.** C2020. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/estetica/o-que-e-inclusao-escolar/71911>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MAGALHÃES, Izabel. Letramentos e identidades no Ensino especial. In: MAGALHÃES, Izabel. **Discursos e práticas de letramento**. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2012.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do Letramento**. Campinas - SP: Mercado de Letras, 1995.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

PORFÍRIO, Francisco. "Inclusão social"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao/inclusao-social.htm>>. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

ROJO, Rojane. **Letramentos múltiplos**: escola e inclusão social. São Paulo: São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 15 de janeiro de 2021.